

UMA NOTA SOBRE O MOVIMENTO AUTOGESTIONÁRIO*

Lucas Maia**

Este texto é uma apresentação sumária da história, concepções teóricas e políticas do Movimento Autogestionário. Esta organização surgiu no final da década de 1980, na cidade de Goiânia – GO, a partir da articulação entre alguns estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás e alguns estudantes secundaristas. Inicialmente, se autodenominaram *Liga Spartacus*, sem, entretanto, se declararem publicamente como uma organização definida. Posteriormente, devido à influência que os autores comunistas conselhistas passam a exercer sobre alguns de seus integrantes, mudam o nome do Coletivo para *Movimento Conselhistas*. Com o aprofundamento das concepções e debates internos ao grupo, decidiram mudar o nome da organização novamente, passando a se denominarem *Movimento Socialista Libertário – MSL*. Mas devido à proximidade da sigla com uma outra organização que existia em Goiânia na época, intitulada Movimento de Luta Socialista – MLS, os integrantes do então MSL decidiram mudar de nome mais uma vez. Alegaram, para tanto, que a proximidade de nome com a referida organização causava confusões, visto as perspectivas políticas e teóricas serem antagônicas. Decidiu-se, após alguns debates, mudar o nome da organização, passando de MSL para *Movimento Autogestionário – Movaut*, atual nome da organização.

Durante as décadas de 1990 e 2000, o coletivo teve momentos de fortalecimento da organização, de aumento do número de atividades e outros, nos quais esteve bastante desmobilizado. Quando surge, final da década de 1980, o contexto histórico era pouco favorável a uma organização com as características do Movimento Autogestionário. Principalmente no meio no qual surge inicialmente, ou seja, no seio do movimento estudantil, que naquela época, como ainda hoje, era completamente dominado por disputas partidárias e práticas institucionalizadas.

* Artigo publicado na Revista Enfrentamento. Ano 5, n.º 9, jul./dez. 2010.

** Geógrafo. Militante do Movimento Autogestionário. E-mail: maiaslucas@yahoo.com.br

Mesmo com estas dificuldades, o coletivo permanece e visa sempre articular-se a outras organizações e indivíduos que partem de perspectivas políticas semelhantes. Assim, a busca em articular-se com organizações anarquistas, autonomistas etc. foi sempre uma constante em sua prática política. Com o despontar de várias lutas sociais pelo mundo no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000 houve um revigoramento de concepções políticas que ficaram por várias décadas marginalizadas, como por exemplo, o anarquismo, conselhismo, luxemburguismo etc. Estas concepções políticas aliadas à emergência de lutas concretas com caráter mais libertário e de crítica às organizações tradicionais (partidos e sindicatos) levam um conjunto de indivíduos e coletivos a procurarem formas organizativas alternativas ao até então dominante. Neste contexto, o Movaut experimenta na segunda metade dos anos 2000 uma considerável consolidação de atividades, discussões, formas de divulgação de suas ideias, com livros, revistas, site na internet etc.

Deste modo, pode-se dizer que o Movimento Autogestionário é uma organização política que visa contribuir para o processo de luta do proletariado. Não pretende ser a vanguarda do proletariado, mas tão-somente sua expressão política e teórica. Ser expressão política e teórica implica que o Movaut irá, dentro de suas possibilidades, contribuir para o processo de autonomização da classe operária e demais grupos oprimidos no processo de luta. Contribuir para o processo de autonomização significa que o Movaut combate todas as tendências políticas e ideológicas que visam dirigir, controlar, burocratizar o movimento operário. Combate também todas as tendências reformistas e conservadoras existentes no seio do proletariado. Assim, o Movaut opõe-se ao bolchevismo e à social democracia, tanto no que se refere às suas organizações concretas, ou seja, o partido político, quanto suas expressões ideológicas: leninismo, kautskismo etc.

Também o sindicalismo, como ideologia, e o sindicato, como organização são expressões conservadoras das relações sociais dominantes. Os sindicatos, embora tenham surgido como organizações de trabalhadores, com o desenvolvimento histórico do capitalismo, tornaram-se organizações enquadradas e reguladas pelo estado capitalista e incorporadas à lógica de reprodução do capitalismo. Os

sindicatos são hoje organizações que devem ser combatidas pelo proletariado quando em luta revolucionária.

Estas “esquerdas” tradicionais estão integradas na sociedade burguesa e são mais um ponto de apoio para a dominação capitalista. Qual é, nesta situação, o papel do Movimento Autogestionário? Em seu Manifesto, pode-se encontrar a seguinte proposição:

Cabe ao Movimento Autogestionário buscar acelerar o processo revolucionário e criar as condições favoráveis para a vitória da classe operária quando explodir uma situação revolucionária. Deve-se, portanto, radicalizar e dar um caráter de classe às lutas políticas na sociedade e, ao mesmo tempo, criar no interior da sociedade capitalista núcleos de contrapoder que inaugurem uma nova correlação de forças que em uma situação revolucionária sirvam de ponto de apoio para a luta operária (Movaut)¹.

Além de incentivar a criação destes núcleos de contrapoder em escolas, universidades, locais de trabalho, moradia etc., o Movaut visa também a realização de uma luta cultural que tem como objetivo combater os sistemas ideológicos existentes, tanto os vindos diretamente da burguesia, quanto os das frações da burocracia (sindical e partidária) que dizem representar e ser a vanguarda do proletariado.

Não há espaço, neste texto, para expormos em pormenores nossa agenda política de luta. Destacamos tão-somente que o Movaut é uma organização política que visa contribuir para o processo de autonomização do proletariado e que este consiga, em conjunto com demais seguimentos explorados e submetidos desta sociedade, construir um bloco revolucionário com vistas à superação destas relações sociais. Nesta perspectiva, o conjunto de movimentos sociais: negro, de mulheres, ecológico, camponês, movimento sociais urbanos etc. devem, conjuntamente com o movimento operário, construir uma tendência revolucionária que seja capaz de colocar em xeque a existência das relações sociais dominantes. O Movaut quer

¹ Este Manifesto foi publicado em 1994. No geral, permanece ainda atual e expressando as concepções e práticas políticas do Movaut. Entretanto, de lá para cá, algumas teses foram aprofundadas e em uma ou outra proposição, este Manifesto está defasado em relação ao que o hoje o Movaut defende. Um novo Manifesto está em vias de preparação, no qual estas lacunas e defasagens serão suprimidas. O Manifesto pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://movaut.ning.com/page/manifesto-do-movimento>

contribuir com este processo. Assim, é necessário articular as estratégias específicas de cada movimento social com a estratégia global do movimento operário. Estes movimentos sociais devem, portanto, articular-se ao movimento operário e sua estratégia global e juntamente com as forças revolucionárias formar um bloco revolucionário.

O Movimento Autogestionário é um coletivo formado principalmente por militantes marxistas autogestionários e anarquistas revolucionários. A partir do marxismo original de Marx e Engels, ou seja, do método e da teoria da história e da consciência desenvolvido principalmente por Marx, e de outras contribuições, tais como a de Rosa Luxemburgo, os autores ligados ao Comunismo de Conselhos, as contribuições de Ernst Bloch, o anarquismo revolucionário etc., o Movaut desenvolve sua teoria e sua prática política.

Os militantes do Movaut têm, em sua maioria, nos autores conselhistas: Herman Gorter, Paul Mattick, Anton Pannekoek, Otto Rühle, Canne-Meijer etc. seu principal eixo de interpretação das lutas operárias, mas tendo consciência que estes autores não são infalíveis, que suas concepções são historicamente datadas. Assim, não reproduzimos *ad eternum* as teses desenvolvidas por eles. Visamos articular suas contribuições com o desenvolvimento subsequente da sociedade capitalista, buscando incorporar o movimento que o próprio capital desempenha ao longo da história do capitalismo. Este ponto, ou seja, a dinâmica própria do desenvolvimento do capital, não foi extensamente abordada por estes autores, sendo uma outra tendência, o bordiguismo, a responsável por importantes contribuições nesta matéria. Assim, O Movaut coletiva e individualmente, do ponto de vista teórico, esforça-se em duas direções: a) apresentar uma leitura totalizante da dinâmica do capital e conseqüentemente da luta operária que se dá inevitavelmente como produto deste processo; b) como consequência desta análise, está também empenhado em apresentar uma análise do desenvolvimento capitalista com o intuito de compreender a lógica de emergência da luta revolucionária do proletariado.

Assim, com base nas contribuições de Marx, do anarquismo revolucionário, dos comunistas conselhistas, do bordiguismo, dentre outros autores e tendências, o Movaut, num processo de análise e leitura crítica, espera contribuir para uma teoria

da Autogestão Social, que incorpora os elementos das concepções anteriores, bem como visa superá-las onde for necessário.

Disto não deriva que o Movaut eleja esta ou aquela concepção teórica como um dogma a partir do qual um indivíduo deva subscrever para entrar no coletivo. Para ser membro do Movaut basta unicamente que se concorde com seu Manifesto e que tenha vontade e coragem para a luta revolucionária. Assim, as principais contribuições dos revolucionários do passado nos são somente o ponto de partida por meio do qual realizamos nossa prática política e teórica. Ser anarquista, conselhistas, autonomista, situacionista etc. não é uma condição, mas sim um resultado da prática política. Colocar esta ou aquela “doutrina” como condição é reproduzir o encastelamento das teorias, sua ossificação, enfim, seu congelamento. Nada mais contrário a uma perspectiva que seja consoante à luta pela autogestão social. A dinâmica do capitalismo nos compele a ser sempre abertos à leitura do mundo e isto nos conduz a estabelecermos critérios em termos de objetivos e não de “doutrinas”. O que importa é a luta de classes e sua dinâmica e não o que um ou outro autor ou tendência político-teórica afirmou.

Entretanto, não são tão variadas assim as posições políticas e teóricas forjadas a partir da luta revolucionária. Há também aquelas que se colocam como expressão do proletariado, mas não o são em verdade. É por isto que o Movaut e seus militantes geralmente defendem determinadas correntes políticas e teóricas. Não somos adeptos dos dogmatismos, nem muito menos fazemos coro ao relativismo. Algumas concepções devem ser sumariamente combatidas, ao passo que outras devem ser analisadas criticamente incorporando-se parte e negando-se outras, e há ainda aquelas concepções que foram mais consequentes e por isto têm mais elementos para contribuir com a luta. Mesmo estas devem ser constantemente submetidas à crítica e à adequação ao desenvolvimento subsequente do capitalismo, ou melhor, devem ser atualizadas de acordo com este desenvolvimento.

Assim, as contribuições de Marx e Bakunin são fundamentais, da mesma forma que alguns elementos de Malatesta, Rosa Luxemburgo e os conselhistas. Mas são todas concepções datadas, produzidas em um dado momento histórico. Não é um procedimento adequado ficar reproduzindo estas concepções. Devemos isto sim

aproveitar-lhes o melhor e utilizá-las o mais produtivamente para compreender e criticar a realidade contemporânea. Ao passo que outras concepções, tal como o bolchevismo e a socialdemocracia não são concepções que auxiliam o proletariado em seu processo de luta. Pelo contrário, visam acomodá-lo, controlá-lo. Por mais que em seu interior exista um palavrório que diga o contrário, historicamente sua prática política e suas produções ideológicas demonstram claramente o que significaram para o movimento operário. Estas concepções, como já demonstraram vários autores, são na verdade a expressão ideológica da burocracia como classe social. É por isto que devem ser combatidas.

Assim, para além desta ou daquela teoria em específico, o que é fundamental é discutir o que é a autogestão social e quais são as formas historicamente apresentadas pelas lutas revolucionárias para conquistá-la: a auto-organização ou autogestão das próprias lutas. Autogestão é comumente entendida como sendo uma forma de administração de empresas na qual a participação dos trabalhadores é estendida um pouco mais. Ou então, é entendida como sendo uma forma de gestão de comunidades locais onde a participação dos envolvidos é garantida. O Movaut é crítico de todas estas concepções, visto serem deformadoras do conceito. Acrescentamos a palavra social ao termo autogestão para tentar solucionar um pouco desta problemática. Para nós, *autogestão social* é o processo de abolição da sociedade capitalista e de engendramento da sociedade comunista. Autogestão social é, portanto, a essência da sociedade comunista. Assim, não podemos falar em uma única empresa, uma única comunidade, uma única cidade etc. vivendo sob regime de autogestão enquanto o conjunto da sociedade é capitalista. É impossível haver ilhas de autogestão em meio a um mar capitalista. Assim, para nós, a autogestão social é a sociedade que sucederá o capitalismo como um produto positivo da luta revolucionária do proletariado e demais classes e camadas oprimidas da sociedade moderna.

Tal sociedade não será construída de uma hora para outra nem muito menos poderá ser feita de qualquer forma. A condição *sine qua non* para a edificação da sociedade autogerida é sem sombra de dúvidas a autogestão das lutas pelos próprios trabalhadores. Isto implica que o processo de autonomização do proletariado é

condição indispensável para a destruição do capitalismo e engendramento da autogestão social. Autogestão das lutas pelos próprios trabalhadores significa que eles próprios as controlam através das instituições e organismos de decisão que eles próprios criam no processo de luta. Assim, os conselhos operários, os conselhos de bairro, as comunas etc. são formas de organização criadas pelos trabalhadores e controladas por eles. O processo de autogestão das lutas exclui a participação de instituições desta sociedade, tais como os partidos, os sindicatos, o estado etc. Melhor dizendo, quando os trabalhadores em luta constroem eles próprios suas instituições, sempre o fazem, e a história da luta operária o demonstra, em oposição a estas instituições.

Há várias experiências de autogestão das lutas ao longo da história da sociedade capitalista. Uma com um nível de radicalidade tal que as condições para a criação da autogestão social foram colocadas claramente, outras com mais dificuldades, umas mais radicais, outras um pouco menos. De qualquer forma, o que é importante destacar, quando se analisa as lutas operárias ao longo da história, é demonstrar a possibilidade concreta de construção de uma nova sociedade. Autogestão Social não é uma construção ideal, que sai das ideias mirabolantes de reformadores sociais bem-intencionados. Pelo contrário, é um processo social amplo, engendrado pelas próprias contradições da sociedade capitalista, que colocam os trabalhadores em associação e luta contra as condições que o oprimem cotidianamente.

Assim, desde a Comuna de Paris de 1871, primeira experiência de revolução proletária; as revoluções russas de 1905 e de 1917 (esta em sua primeira fase, ou seja, antes do partido bolchevique tomar o poder de estado); a revolução alemã de 1918 a 1921; as rebeliões na Hungria e na Itália em 1919; a guerra civil espanhola de 1936 a 1939; as lutas estudantis e operárias na França e Alemanha em 1968; as lutas autônomas na Itália nos primeiros anos da década de 1970; as lutas contra as burocracias “comunistas” na Hungria em 1956, em Praga em 1968 e a insurreição polonesa em 1980; mais recentemente as experiências na Argentina durante a década de 1990 e principalmente no ano de 2001 com o famoso *argentino*; as experiências mexicanas em Chiapas na década de 1990 e em Oaxaca no ano de 2007

etc. Estas são somente algumas experiências que demonstraram concretamente como a classe trabalhadora, em associação contra o capital, constroem novas relações sociais, portanto, a possibilidade de engendrar uma nova sociedade, radicalmente distinta da existente.

Para concluir, quero destacar que esta nota visou apresentar tão somente uma agenda de pesquisa, que coloque em debate: a) história e trajetória do Movimento Autogestionário; b) concepções teóricas que norteiam a maneira como o coletivo interpreta e explica a realidade, ou seja, o materialismo histórico-dialético; c) concepção e projeto político do Movaut: auto-organização e autogestão social; e d) experiências concretas de luta desenvolvidas pela classe operária que apontaram, de uma ou outra maneira, para a autogestão social.

Por fim, compreender a história e concepções do Movaut é compreender a dinâmica de formação de grupos revolucionários, uma constante na história do capitalismo. O Movaut empreende um esforço coletivo e individual no sentido de divulgar, aprofundar as teses sobre autogestão social e a necessidade de auto-organização das classes e camadas oprimidas da sociedade como única forma de se conquistar a liberdade, ou melhor, de arrancá-la às classes dominantes.

Bibliografia consultada e para aprofundamento

ARVON, Henri. *La autogestion*. México D. F.: Fundo de Cultura Econômica, 1982.

AUTHIER, Denis. Para a história do movimento comunista na Alemanha de 1918-1921. In: AUTHIER, Denis. (org.). *A esquerda alemã (1918-1921)*. Porto: Afrontamento, 1975.

BARROT, Jean & MARTIN, François. *Eclipse e re-emergência do movimento comunista*. Disponível em: <http://geocities.com/autonomia.abvr>, acesso em 10/05/2006.

BLOCH, Ernst. *O princípio Esperança*. V. 1. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. Uerj, 2005.

BORDIGA, Amadeo. A constituinte?. In: TRAGTEMBERG, Maurício. *Marxismo heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 177-180.

BORDIGA, Amadeo. Réplica a Lênin sobre o problema do abstencionismo, no segundo congresso mundial. In: TRAGTEMBERG, Maurício. *Marxismo heterodoxo*.

- São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 197-198
- BOURRINET, Philippe. *La izquierda comunista de Itália (1919-1999): historia de la corriente "bordiguista"*. Disponível em: <http://www.left-dis.nl>, acesso em 15/11/2007.
- BRINTON, Maurice. *Os Bolcheviques e o Controle Operário*. Porto: Afrontamento, 1975.
- BROUÉ, Pierre. *A primavera dos povos começa em Praga*. São Paulo: Kairós, 1979.
- COSTA, Caio Túlio. *O que é o anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FERREIRO, Roi. *La Lucha de Clases en Argentina: Entre la Revolución Proletária y la Recuperación Burguesa*. Florianópolis: Barba Ruiva, 2007.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.
- LENIN, Vladimir Ilich. *Que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento*. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou revolução?*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- MAIA, Lucas. *Comunismo de conselhos e a autogestão social*. Pará de Minas: VirtualBooks, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MARX, Karl. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Expressão do Livro, s/d.
- MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MOVIMENTO AUTOGESTIONÁRIO. Editorial: Tempo de Ruptura Proletária. *Revista Ruptura*. Goiânia. Ano 08, n. 07. ago., 2001.
- PANNEKOEK, Anton. *A Revolução dos Trabalhadores*. Florianópolis, Barba Ruiva, 2007.
- PANNEKOEK, Anton. *Los consejos obreros*. Madrid: Zero, 1977.
- SCHUTRUMPF, Jorn. *Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões Sobre o Socialismo*. São Paulo: Moderna, 1986.
- WOODCOCK, George. *História das idéias e movimentos anarquistas*. V. 1. A Idéia. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- VIANA, Nildo. *Bordiguismo, conselhismo e nós*. *Revista Ruptura*, Goiânia, ano 8, nº 07, p. 32-41, ago. 2001.
- VIANA, Nildo. *O capitalismo na era da acumulação integral*. Aparecida-SP. Idéias & Letras, 2009.